

# **AS NÃO-COINCIDÊNCIAS DO DIZER: ANÁLISE METADISCURSIVA DA CONFIGURAÇÃO TEXTUAL CHARGE.**

Adriana Sales Barros<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Ler é construir sentidos, estabelecendo uma relação de diálogo com o mundo em que é necessário. Como bem pontuou Paulo Freire ao longo de sua obra, aprender a ler a palavra sem deixar de ler o mundo, ainda são ações essenciais dos sujeitos históricos. Diante do exposto a reflexão em pauta pontua uma análise metadiscursiva, cujo foco teórico é a análise do discurso de linha francesa, doravante (ADF), os princípios dialógicos de Bakhtin; ambos cristalizados no aporte teórico de Jaqueline Authier-Revuz via as não-coincidências dizer. O referido arcabouço teórico terá como campo analítico a configuração textual Charge.

Nossa intenção é trabalhar com o texto charge veiculado em jornal, por serem de mais fácil acesso e atingirem maior número de pessoas.

O espaço de análise será o jornal impresso, a página de humor. Não podemos esquecer que o funcionamento de um texto charge leva em conta dois registros, a saber, o registro visual e o verbal. Os dois registros são utilizados para legitimar os discursos, podendo coincidir entre eles ou não, o que faz parte da estratégia do sujeito produtor de discursos.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do departamento de Letras da UEPB, campus III.

Por mais que seja interessante uma análise da relação entre ambos os registros, não há espaço para ela neste contexto, que ficará restrito à análise lingüística e discursiva os elementos verbais, constituídos por modalizações descritivas e interpretativas na constituição dos sujeitos na referida configuração textual. Na sequência o percurso da reflexão acima citada.

## **1. AS NÃO-COINCIDÊNCIAS DO DIZER: DA DESCRIÇÃO À INTERPRETAÇÃO**

A terceira fase da ADF encontra Authier-Revuz quanto ao estatuto constitutivo, vale dizer, estrutural por ela atribuído à heterogeneidade. Trata-se de uma heterogeneidade radical que, segundo Teixeira (2000:182), abala a homogeneidade imaginária do sujeito e de seu dizer. Dito de outra forma, é uma heterogeneidade fundante, ou seja, a desarticulação do efeito de evidência, de referencialidade que o pré-construído produz. Na interpretação de Guilhaumou & Malidier (1994, p. 166), o acontecimento discursivo é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado.

É o conceito de acontecimento, proposto por Pêcheux (1983b), que está ancorada a heterogeneidade fundante. Essa busca de efeito de sentido no entrelaçamento do passado com o presente.

No campo da enunciação, Authier-Revuz, convoca o dialogismo bakhtiniano que sustenta a relação discursiva intersubjetiva. Para Bakhtin a vida é dialógica por natureza. O “tu” é condição de existência do “eu”. Vale acrescentar que a relação dialógica é polêmica, não há passividade, já que resulta da interação social que se dá entre três participantes: o falante, o ouvinte e o tema do discurso.

Quanto a noção de língua, Authier – Revuz baseia-se em Milner (1989) Para quem a língua não é apenas um sistema de signos, mas redimensiona incluindo o conceito de *lalangue*. A língua suporta o real da *alíngua*, tese formulada por Milner (op. cit.) baseada na afirmação de Lacan: *tudo não se diz* (1985, p. 124) ao referir-se a lingüística como ciência que ignora a falta que a sustenta. De acordo com o acima exposto, acreditamos que a língua se constitui de duas faces complementares, quais sejam, a face do representável, cuja propriedades são a permanência, univocidade e regularidade; e a face do não representável, caracterizadas pelo equívoco e a incompletude. Os deslocamentos teóricos acima explicitados são norteadores de nossa reflexão.

A abordagem dedica-se a definir como a lingüística e a ADF podem ser integradas se consideradas as precedentes sobre o atravessamento desse campo pela psicanálise. Para utilizar a expressão de Authier-Revuz (1995), a Análise de Discurso que me interessa fazer situa-se na linha de estudos

que mantêm os princípios fundamentais de Saussure, embora, vendo-os sob um prisma diferente em relação às abordagens estritamente formais.

Não se pode mais insistir numa ordem em si, que se vê ameaçada toda vez que está diante de uma impossibilidade de formalização, é necessário ocupar-se do excedente da lingüística, mas sem com isso fazer ruir os princípios sobre os quais ela institui sua unidade. (Authier –Revuz, 1995, 87))

Destacaremos aqui o diálogo ocorrido entre Pêcheux, Bakhtin via Authier Revuz, atravessado pela psicanálise lacaniana no que diz respeito ao sujeito clivado capturado através dos quatro campos de não-coincidências do dizer: primeiro, a não-coincidência interlocutiva; segundo, a não-coincidência do discurso com ele mesmo; terceiro, a não-coincidência entre as palavras e as coisas e a quarta, a não-coincidência das palavras com elas mesmas e sua relação com a historicidade, a intersubjetividade / alteridade e o desejo na perspectiva dos encontros ocorridos entre os estudiosos acima citados.

É necessário esclarecer que acreditamos ser esse diálogo, amparado por sujeitos organizados socialmente, configurado pelo atravessamento da psicanálise lacaniana. No entanto, o recorte teórico caracterizador desta reflexão evidencia a relação acima apresentada, sem no entanto excluir o atravessamento, cuja pretensão é colocá-lo em evidência num outro momento de estudo.

O tema da heterogeneidade está inscrito na teoria da enunciação, cujo eixo é o discurso afinado à visão que o caracteriza como fundante. No dizer de Leite (1994, p. 185) “um furo no real, uma impossibilidade que parasita qualquer manifestação e não cessa de não querer se mostrar”.

A heterogeneidade nessa perspectiva é definida em torno de duas maneiras pelas quais se apresenta a alteridade no discurso. A autora denomina-as de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva. As formas mostradas são linguisticamente descritíveis, inscrevendo o outro na linearidade. A constitutiva, não marcada em superfície, é um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem. Nessa etapa da teorização, há de forma embrionária o diálogo com a AD-3 no que diz respeito à concepção de língua e o dialogismo bakhtiniano. Sendo anunciada a inscrição do Outro no discurso.

As modalizações autonímicas são descritas como fatos pontuais de não-coincidência. Elas afetam de não-um o funcionamento da enunciação, que se representa, então como alterada, no duplo sentido de *alteração* e *alteridade* (TEIXEIRA, 2000, p.159)

É importante ressaltar, que para estudar a enunciação Authier-Revuz recorre à configuração formal: modalização autonímica. Embora reconheça a ordem própria da língua como afetada por elementos que lhe são exteriores. Aqui há a relação constitutiva entre a língua e a enunciação. A língua postulada por Milner (1987, p. 15) “a língua é, então, o que o

inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no domínio das palavras, fale”. A noção de língua embora baseada em Saussure, “sistema de regras”, comporta a língua “concebida como o não-representável pelo cálculo – isto é, como cristal, ela é o espaço onde o desejo se espelha e o gozo se deposita (MILNER, op.cit. p. 8).

A enunciação proposta pela autora dialoga com o princípio dialógico da linguagem proposto por Bakhtin (2002, p. 127), “a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social”. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes.

É pela via do diálogo entre interlocutores que a autora trata a heterogeneidade constitutiva, configurada nas formas da heterogeneidade marcada. É a partir da descrição lingüística que ocorre a interpretação pela palavra cujas possibilidades de sentido presentes no discurso dos indivíduos expressam o desejo capturado na materialidade lingüística.

Ancorada nessa configuração metaenunciativa, ou seja, “o modo pelo qual se manifesta a negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva” (TEIXEIRA, 2000, p. 153), Authier-Revuz focaliza as formas marcadas, diretamente observáveis no fio do discurso através da modalização autonímica, o objeto de estudo deste trabalho, é a configuração textual charge analisada numa perspectiva discursiva tendo em vista as possibilidades de articulação via Authier-Revuz com as não-

coincidências do dizer: o dialogismo bakhtiniano, e o interdiscurso pecheutiano tratadas no próximo capítulo.

### **1.1 M. Pêcheux, M. Bakhtin e J. Authier-Revuz: Possibilidades de Articulação.**

A ênfase na exposição que se segue tratará das formas marcadas diretamente observáveis no fio do discurso, onde o dizer se mostra alterado, através da marca de um outro que vem dobrar o mesmo. Essa alteração/alteridade é configurada nos quatro campos de não-coincidência ou de heterogeneidade, pontuadas pela modalização autonímica.

A modalização autonímica – MA – apóia-se na configuração teórica de Rey Debove<sup>15</sup> no campo da semiótica. Sendo descrita por Authier-Revuz pela via do deslocamento do ponto de vista semiótico para o enunciativo.

Diz ela,

(...) o locutor faz uso das palavras inscritas no fio de seu discurso (sem ruptura sem autonímia) e, ao mesmo tempo, ele as mostra. Sendo assim, sua figura normal de utilizador das palavras é desdobrada, momentaneamente, por uma outra figura, a de observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado – marcado por aspas, itálico, uma entonação e/ou qualquer forma de comentário – recebe, em relação ao resto do discurso, um outro estatuto. (AUTHIER-REVUZ, 1982. p.. 92)

---

<sup>15</sup> “Autonímia” e “Conotação autonímia”, tome um signo, fale dele e você terá uma autonímia. (TEIXEIRA, 2000, p. 141)

Nessa perspectiva, “a modalidade autonímica é a forma que implica uma atividade linguageira de auto – representação do dizer pelo enunciador” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 177)

É com base na Modalização Autonímica - configuração formal, que a estudiosa operacionaliza o modo como o dizer acontece em sua linearidade e em sua dimensão imaginária, em relação ao real, ou seja, a tríplice aliança imaginário, simbólico e real.

A configuração enunciativa em questão é atravessada por dois campos, com especificações diversas, às vezes opostas. São as especificações no campo da linguagem – metalinguagem – e as especificações no campo do dizer. Para o objetivo desta reflexão, evidenciaremos as especificações no campo da metalinguagem, centralizando através das formas metaenunciativas o outro como constitutivo do diálogo entre sujeitos, entre discurso; legitimados na relação de não-coincidência entre as palavras e as coisas e das palavras com elas mesmas.

Dito de outra forma, a costura aparente no tecido do dizer, captura a falha constitutiva do sujeito, capturadas no campo da enunciação – complexidade enunciativa – e sua relação com os dois outros tipos de não-coincidência que dizem respeito ao real da língua, através materialização lingüística. No dizer de (TEIXEIRA, 2000, p. 162), “como forma de um

lado, como espaço de equívoco, de outro – e, por isso, são tratados sob a ótica da psicanálise lacaniana”.

## **1.2 Modalização Autônômica: Metalinguagem e Enunciação**

Apresentamos na seqüência as caracterizações que configuram os dois campos da MA e após falaremos sobre as quatro não-coincidências nas quais se produz o dizer, focalizando as relações entre as especificações metalingüísticas e enunciativas, como dito anteriormente.

A auto-representação do dizer configurada no campo da linguagem permite circunscrição do fato de flexibilidade através de algumas oposições que caracterizam a Modalização Autônômica e viabiliza o encontro da língua com a fala, o discurso, o sujeito. Segundo Authier-Revuz (op. cit),

concerne a metalinguagem natural, aquela da função de Jakobson e do trabalho fundador de J. Rey Debove. Acrescenta que ela manifesta o “poder de reflexividade” das línguas naturais (...) a existência desse poder das línguas naturais, questiona a existência de um lugar de exterioridade à linguagem.

Dito de outra forma falta um lugar de domínio real fora da linguagem. Há na contestação da metalinguagem, uma clivagem radical. Clivagem entre a ordem interna e a externa – enunciação. Para Authier-Revuz (1995, p. 8 – 15), “não há, para o “ser falante” que é o homem, lugar fora da ordem da linguagem, na e pela qual ele é constituído como sujeito”. As especificações no campo da metalinguagem são constituídas e ao mesmo tempo constitutivas com as especificações do campo da enunciação, sem que um seja diluído em prol do outro. A autora (op.cit) relaciona “à metalingüística corrente – epilingüística – como acesso às representações dos sujeitos a propósito da linguagem, do sentido, da comunicação”. No que se refere ao metaenunciativo (AUTHIER-REVUZ,1998.p.177), diz que “é discurso sobre a linguagem em geral, sobre um outro discurso, sobre o discurso do outro na interação, no diálogo”. E por fim, afirma está a auto-representação da linguagem relacionada à “opacificação, colocando em jogo, via autonímia, a forma significante do dizer”.

Abordaremos a seguir as especificações no campo da enunciação e retomaremos ao objetivo proposto acima para esse momento da reflexão.

A configuração enunciativa, Modalização Autonímica como forma de enunciação, comporta a representação do dizer. Aqui é o lugar do encontro, feito a partir da língua, com a fala o discurso e o sujeito. Nesse

momento se dá a explicitação com os exteriores teóricos da lingüística. Neles a descrição é apoiada. Podemos dizer que os dois se afetam, sendo que cada um focaliza aspectos diferentes, sob pontos de vista diferentes.

O ponto de vista defendido aqui consiste em partir sistematicamente das formas da língua. Como dito antes, o foco é a Modalização Autônômica e as especificações no campo da metalinguagem, bem como seu encadeamento com os exteriores que o constitui. Dito de outra forma, a estratégia utilizada parte do que é marcado, diretamente observável, sendo fundado pelo desejo do(s) sujeito(s) constituído(s) no ato da enunciação. De acordo com Auhtier-Revuz, (apud TEIXEIRA, 2000, p. 3-45), no conjunto das formas de reflexibilidade metalingüística, o subconjunto da reflexibilidade do dizer sobre ele mesmo que singulariza as formas da modalização autônômica, organizada em três propriedades pelas quais elas podem ser descritas: 1. Formas metaenunciativas; 2. Formas estritamente reflexivas; e 3. Formas opacificantes. No que diz respeito à primeira propriedade, caracteriza-se por referir um segmento já dado (é uma menção), a formação interna da palavra. Quanto a segunda propriedade, corresponde ao desdobramento do dizer (a menção e o uso). E quanto a terceira propriedade, considerada pela autora (apud TEIXEIRA, 2000, p.156) como fundamental, são as formas de representação do dizer que põem em jogo, “as palavras que se referem ao dizer”. É essa interposição,

no dizer, da consideração as forma pela qual ele é feito que Authier-Revuz (1995, p. 25) chama de *opacificação*.

De acordo com a autora, a Modalização Autonímica é um fato de enunciação modalizado por uma representação opacificante e descrita como fatos pontuais de não-coincidência.

Considerando a dimensão teórica proposta por ela, a MA concentra a dupla heterogeneidade como junção do dialogismo bakhtiniano configurado na materialidade da língua afetada pela a língua. Nesse quadro figuram: língua/a língua<sup>16</sup>, acontecimento, interlocutores e discursos. Eles afetam de não um o funcionamento da enunciação, que se apresenta como alterada no duplo sentido de alteração e alteridade.

Na seqüência abordaremos os quatro tipos de não-coincidências do dizer, pontuados via modalização autonímica, categorizados em seis tipos que vai da descrição a interpretação.

### **1.3 As Não-Coincidências do Dizer: Descrição e Interpretar**

Segundo Authier-Revuz (1998, p. 20), são quatro os campos de não-coincidências nos quais o dizer se mostra localmente alterado:

---

<sup>16</sup> Língua é o que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade no domínio das palavras fale. A língua, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco.

1. A não- coincidência interlocutiva;
2. A não-coincidência do discurso consigo mesmo;
3. A não-coincidência entre as palavras e as coisas;
4. A não-coincidência das palavras com elas mesmas.

Como afirma Authier-Revuz (op. cit., p.22 ), a não-coincidência interlocutiva. Como tal

é colocada, com apoio em uma concepção pós-freudiana de sujeito, não-coincidente consigo mesmo pelo fato do inconsciente, como fundamental e irreduzível entre dois sujeitos “não-simetrizáveis”.

O tipo de não-coincidência acima apóia-se nos exteriores teóricos ,quais sejam; o dialogismo bakhtiniano, sensível ao heterogêneo relacionado às pessoas e ao peso das sócio-histórico das palavras.Apóia-se ainda na concepção lacaniana de sujeito não-coincidente consigo mesmo. Radicalmente clivado.

A não-coincidência do discurso com ele mesmo, que indica no próprio discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso. Esse tipo é colocada como constitutiva, em referência ao dialogismo bakhtiniano, e à noção pecheutiana de interdiscurso. Authier-Revuz (ibid) recorre ao dialogismo.

Considerando que toda palavra que, por se produzir no “meio” do já dito de outros discursos, é habitada pelo discurso outro”

E à teorização do interdiscurso, que remete.

O “eu falo” aqui e agora ao “algo fala em outro lugar, antes e independentemente

A não-coincidência entre as palavras e as coisas é colocada como constitutiva, na dupla perspectiva, de um lado, da oposição, reconhecida pela lingüística como sistema acabado de unidades discretas – e o contínuo, as infinitas singularidades do real a nomear, que inscreve um “jogo” inevitável na nomeação, e, de outro lado, em termos lacanianos, do real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, isto é, da falta (constitutiva do sujeito falho) de captura do objeto pela letra.

Enfim, a não-coincidência das palavras consigo mesmas, são formas que aceitam, rejeitam ou especificam o sentido a ser entendido em função de fatos de polissemia ou homonímia, pelas quais o locutor procura um sentido para a palavra pela exclusão de outros possíveis. Authier-Revuz (1998, p.195) vê nesses casos, o jogo , na língua, do que Lacan chama de *lalangue*, que devota fundamentalmente o *sistema lingüístico de unidades distintas e os enunciados, ao equívoco de uma homonímia generalizada, aquela onde se ancoram a poesia, a prática psicanalítica, e o que Saussure havia encontrado com temor nos anagramas.*

Os dois desvios precedentemente evocados inscritos respectivamente na relação com o outro (inter) locutor e com o outro discurso, são examináveis no quadro do dialogismo bakhtiniano. O diálogo entre Pêcheux, Bakhtin e Lacan contempla o acontecimento na estrutura, uma vez que o discurso como acontecimento é entender que o discursivo

pode parar um processo, romper uma repetição; capturada na materialidade lingüística. Já os dois desvios referentes as palavras, concernem ao real da língua; como forma de um lado, como espaço de equívoco, de outro, aos quais a perspectiva dialógica dá espaço em sua abordagem da enunciação.

Authier-Revuz prioriza, em seu estudo, as formas marcadas, observáveis no fio do discurso. Pedretti (apud TEIXEIRA, 2000, p.33) diz que a esse respeito é necessário esclarecer dois aspectos. Primeiro, *marca*, em sua abordagem, é sempre “marca de um outro que vem dobrar o mesmo”. Segundo marcas não têm, na perspectiva da autora, o mesmo estatuto, mas estão situadas numa escala que varia de um grau maior a um grau menor de explicitação no fio do discurso.

Os quatro tipos de não-coincidências acima descritos são categorizados em seis tipos que parte do que é linguisticamente marcado ao que depende exclusivamente da interpretação. Podemos dizer que essa categorização nomeia as formas da Modalização Autonímica, mostrando o deslocamento das formas descritivas para as formas interpretativas, sem que uma apague a outra. Authier-Revuz (1998, p. 19–20) expõe os seis tipos de forma:

1. Formas explicitamente metaenunciativas “completas” (ex: *X, eu emprego esta palavra se bem que; ela faz eu diria X’; o que eu chamo X’*). Há a referência a pessoa, ao tempo, ao ato de enunciação.

2. Formas explicitamente metaenunciativas que implicam um *eu digo X'* (ex: *X' se eu posso dizer...*).

3. Formas explicitamente metalingüísticas, com um autônimo X' ou Y' (ex: *X' a palavra X'; é inconveniente...*). Há comentário, explicação e julgamento.

4. Formas sem elemento autônimo ou sem elemento metalingüístico unívoco (ex: *X', quer dizer Y...*). Esse conjunto de formas pressupõe elementos contextuais e interpretativos. Presença de expressões que objetivam a comentar, explicar outras expressões.

5. Sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação.

6. Formas puramente interpretativas (alusões, discurso indireto livre, jogo de palavras não marcado), que abrem para a *heterogeneidade constitutiva*.

De acordo com a exposição acima, percebemos que a autora abre o campo para as formas não marcadas, puramente interpretativas do dizer, embora concentre sua reflexão sobre as formas marcadas.

Nessa categorização, a possibilidade de tratar do que não é descritível no fio discursivo, mas que está presente, referindo a um outro. Nesse aspecto estava o nosso interesse em articular as abordagens de Pêcheux, Bakhtin e Lacan, no que diz respeito às noções de intersubjetividade / alteridade e outro/Outro e sua constituição em sujeito “capturada no tecido lingüístico”.

## A ANÁLISE...



A charge foi publicada em: 26/03/2006 e pontua o descaso social relacionado ao poder público.

Os discursos aí constituídos convoca um chamamento do discurso religioso, cristalizado na materialidade lingüística:

### **(4) Perdoa, ele não sabe o que diz.**

O deslocamento aí gera opacificação na representação do dizer, pois o elemento da enunciação ao qual elas aludem é um fragmento da cadeia que associa significado e significante, bloqueando a sinonímia. Dito de outra forma, nenhum signo pode ser considerado, com seu significante próprio, como tendo o mesmo significado; a materialidade lingüística

acima registrada. Temos o que Revuz (2004: ) nomeia de reformulações do tipo x, isto é y; comportando sempre “um marcador de reformulação” nos quais entram em jogo ou não a opacificação dos elementos, isto é, sua interpretação como palavras x e y, onde y’ é uma propriedade não definicional de x, correspondendo frequentemente a um julgamento do enunciador do tipo x é y. referindo a charge temos na fala da mulher, um julgamento configurado autonimicamente na palavra *cadeira*, onde menção e uso duplica o dizer, opacificando-o, mas que na reflexividade essa expressão ao julgar a postura do presidente, devolve o insulto. Há nesse mesmo discurso um outro caso de modalização autonímica, na fala do homem, digo outra glosa.

##### **(5) Perdoai, ele não sabe o que diz.**

O sujeito enunciador propõe uma reformulação em substituição a uma outra, não presente na cadeia verbal; fio do discurso; apagando a diversidade das verbalizações para encontrar a unidade referencial, com o discurso constituído acima. Tal glosa traz para o intradiscurso, o julgamento autorizado pela fala anterior, provocando assim os deslocamentos do dizer.

### 5.1.3 Texto sobre política interna



O Jornal da Paraíba veiculou a charge em: 01/04/2006.

A linguagem é um processo de interação entre indivíduos. Sua natureza social é um espaço de conflito em que através das palavras são expressos os fenômenos ideológicos, reflexos de contradições existentes no meio social; sendo a linguagem sensível a qualquer alteração que nele se efetue, inscrevendo mudanças e engendrando novas representações discursivas.

O discurso cristalizado na charge acima, evidencia um conhecimento sócio-histórico, coletivizado, referente a igualdade dos cidadãos.

**(6) Nós somos todos iguais.**

No entanto esse discurso é deslocado, pois um dos sujeitos aí constituídos inscreve-se no fio do discurso, denunciando as contradições existentes no meio social, conforme sua fala.

**(7) O que variam são os custos de vida né?**

Nesse momento a ilusão subjetiva é denunciada através da clivagem do sujeito, por meio da resistência aos discursos cristalizados. Essa denúncia instaura as não-coincidências entre os interlocutores e os discursos através da modalização autonímica, onde a menção e o uso, duplica o dizer.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para mostrar o movimento e os efeitos de sentidos, integramos as não-coincidências do dizer, a charge e o discurso, descrevendo a estrutura do dito e interpretando a memória sócio-histórica do dizer, bem como seu atravessamento pelo sujeito de natureza psicanalítica constituído pela falta, que enuncia sem saber o que diz, uma fala que diz muito sobre este saber.

Confirmamos as alternâncias de sentidos no movimento de deslizamentos entre a linearidade e a descontinuidade e também mostramos como, resistindo a acomodamentos e subvertendo o mesmo, um acontecimento discursivo torna-se o lugar de sentidos heterogêneos.

Tomando como objeto de nossa análise o discurso do cotidiano configurado no texto charge, percebemos que as divergências são interpeladas com o propósito de mostrar através do mesmo, dos já ditos, a instauração do sentido-outro. Tal postura comprova que o sentido-outro é capturado sob o signo da contradição. Dito de outra forma, o dizer constitui e é ao mesmo tempo constituído por sujeitos não-simetrizáveis, por isso clivado, sendo ao mesmo tempo utilizador das palavras e observador delas, realizando uma costura aparente sobre o tecido do dizer, ressaltando em um mesmo movimento a falha que expõe o dizer através das não-coincidências.

O discurso do cotidiano, dos estereótipos, configurados no texto charge denunciam com humor os conflitos sociais entre cruzando os dois campos da Modalização autonímica. Sendo o da metalinguagem constitutivo da linguagem de natureza metaenunciativa por isso condensando através das não-coincidências entre interlocutores e da não-coincidências entre discursos pontos de articulação entre o dialogismo bakhtiniano e o interdiscurso, noção desenvolvida por Pêcheux. E o campo da enunciação de natureza reflexiva e opacificante, compreendendo as não-

coincidências entre as palavras e as coisas, e as palavras consigo mesmas. Ambas dizem respeito ao real da língua, como forma, de um lado, como espaço de equívoco, de outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER\_REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos lingüísticos*, 19. Campinas, jul/dez. 1990. p. 25-42

\_\_\_\_\_. Falta do dizer o dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni P. (org.) *Gestos de leitura*. 2.ed. Editora da UNICAMP, 1997

\_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade um estudo educativo do sentido*. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004.

BAKHTIN, M. (1926) Le discours dans la vie et dans la poésie. In: TODOROV, T. M. BAKHTINE: *Le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981

\_\_\_\_\_. (1963) *Problema da poética de Dostoiévski*. 5.ed. SP: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV) (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10.ed. SP: Hucitec, 2002

\_\_\_\_\_. (1979). *Estética da criação verbal* 3. ed. SP: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: PESSOA DE BARROS, D.; FIORIN, J. L. (org.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. SP: Edusp, 1994. p.11 – 27.

\_\_\_\_\_. (org.) *Bakhtin: Conceitos – chave*. SP: Contexto, 2005.

BARROS, A. S. Configuração textual charge. In: ALDRIGUE, A. C. & ALVES, E. F. *Diálogos Heterogêneos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

CASTRO, E. M. *Psicanálise e linguagem*. 2 .ed. SP: Ática, 1992.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia?* 2. ed. SP: Brasiliense, 2001.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. SP: Editora da UNICAMP, 1997.

FLORES, Valdir. *Enunciação e subjetividade: o discurso indireto e a hipótese de uma semântica metaenunciativa*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

\_\_\_\_\_. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_.(1978) Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. (1983) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2000.

SILVA, Erinaldo *Ria enquanto pode! Lilá: Charges, caricaturas e cartuns.*

Campina Grande-PB: Meta. 2006.